



O
ÚNICO
E VERDADEIRO
REI
DO BOSQUE



IBAN BARRENETXEA

TRADUÇÃO DE
EDUARDO BRANDÃO



Companhia das Letras

Copyright do texto e das ilustrações © 2013
by Iban Barrenetxea
Edição original © 2013 by A Buen Paso, Barcelona,
Espanha, www.abuenpaso.com

Este livro foi negociado através da Sea of Stories Literary Agency,
www.seaofstories.com, sidonie@seaofstories.com

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

El único y verdadero rey del bosque

Revisão

Marina Nogueira

Composição

Elis Nunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barrenetxea, Iban

O único e verdadeiro rei do bosque / Iban Barrenetxea;
[tradução Eduardo Brandão]. -- 1ª ed. -- São Paulo : Companhia
das Letrinhas, 2015.

Título original: El único y verdadero rey del bosque
ISBN 978-85-7406-667-7

1. Ficção — Literatura infantojuvenil I. Título.

15-00140

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantil 028.5
2. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHwARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707 3500
Fax: (11) 3707 3501



Se um viajante

se aventurasse a cruzar os gelados mares do norte, se os ventos e as marés lhe fossem propícios, se escapasse das tempestades e os monstros marinhos tivessem dó dele, desembarcaria num lugar onde os invernos são longos e escuros, e no verão o sol nunca vai dormir. Se o viajante, depois de beijar a terra — como deve fazer qualquer viajante que se preze —, caminhasse tantas léguas quantas horas tem o dia, chegaria a um bosque de bétulas. Ali, à sombra das bétulas brancas, talvez — e só talvez — o viajante chegasse a uma casinha de madeira: a casinha de madeira de Jaska, Kaspar e Másia.



Jaska era pernalta e desengonçado, e tudo o que tinha de alto também tinha de cabeça-oca. Ou mais. Se cabeça-oquice pudesse ser medida em metros, a de Jaska seria maior que o próprio gigante Magnus. E olhem que, pelo que dizem, o gigante Magnus era tão alto, mas tão alto, que sua cabeça não tinha nem a mais remota noção do que seus pés estavam fazendo. O gigante Magnus tropeçava nos faróis e nas torres das fortalezas, pisava nas casas e esmagava os caminhantes. Não que fosse um gigante malvado, muito pelo contrário, mas de tão alto que era sua cabeça ficava nas nuvens e por isso ele vagava pelo mundo sem saber muito bem por onde nem para onde. Nosso Jaska também caminhava aos tropeções e era raro o dia em que não provocava algum acidente. Mas, ao contrário do gigante, ele parecia ter uma nuvem *dentro* da própria cabeça.

Seu irmão Kaspar se gabava de não ter nada de bobo. O fanfarrão se gabava disso, daquilo outro e de muitíssimo mais! Na verdade ele se gabava de tudo, menos de duas coisas: o que tinha de baixinho tinha também de medroso. Dizem as más línguas que um dia Kaspar se assustou tanto com sua própria sombra que saiu correndo em círculos para fugir dela e que, de puro espanto, alcançou tamanha ve-

locidade que ficou duas voltas na frente. Mas não existia para o pequeno Kaspar sombra tão sinistra nem espanto tão espantoso que ele temesse tanto quanto sua irmã, Mária, quando ela ficava brava.

Mária não era nem muito alta nem muito baixa; não gostava de aventuras e não havia uma forma conhecida de assustá-la. Sem ser uma gênica, possuía a rara sabedoria dos que não têm outro remédio senão pensar pelos outros. Que seria de Jaska e Kaspar se a irmã Mária não cuidasse deles! Quem mostraria a eles, todas as manhãs, em que pé tinham de calçar cada bota! E quem os aconselharia a não sair sem gorro, para que o pouquinho de juízo que tinham não acabasse congelando dentro da cachola?

Mas ninguém desconfiava que, enquanto ordenhava Lila, a vaca, enquanto cuidava das galinhas, enquanto esfregava e remendava, Mária guardava um desejo no fundo do coração.

Naquele último dia de outono, Jaska e Kaspar voltaram para casa depois de passar a manhã caçando no bosque. Mária varria as folhas secas da entrada da casinha quando os viu aparecer.

— O que vocês trouxeram? Nadica de nada, pra variar! Po-



dem ir dando meia-volta! Quero um cachecol novo para o inverno, então nem pensem em mostrar suas caras horrosas por aqui de novo antes de encontrarem a melhor pele de todo o bosque!

Dito isso, Másia entrou em casa, bateu a porta com toda a força e se plantou diante do espelho, já se imaginando com um cachecol macio e bem quentinho no pescoço. “Que beleza!”, “Que elegância!”, exclamariam todos ao vê-la passar. Frigga, a lavadeira, ia morrer de inveja. Com certeza Pekka, o moleiro rico — tão rico que, além do moinho, tinha uma carroça e um burro —, não resistiria mais a seus encantos. Finalmente pediria sua mão em casamento! Porque, sim, o desejo que Másia guardava no fundo do coração era se casar com Pekka, o moleiro.

Enquanto Másia sonhava com o moleiro e seu moinho, e sua carroça, e seu burro, uma conversa singular se dava no coração do bosque. O raposo branco e os três corvos pareciam incapazes de entrar num acordo:

— Vocês estão duvidando? — dizia o raposo branco levantando o focinho com arrogância.

— Croac! — grasnou o primeiro corvo.

— Quem em todo o bosque tem a pele tão macia e reluzente quanto a minha? Desçam daí para admirá-la!

— Croac, croac! — grasnou o segundo corvo.

— Quem em todo o bosque tem o rabo tão grande, branco e aveludado quanto o meu? Desçam daí para acariciá-lo!

— Croac, croac, croac! — grasnou o terceiro corvo.

— Quem em todo o bosque tem tanta astúcia quanto eu? Desçam daí para que eu prove para vocês!

— Chega, chega! Ou vamos deslocar o bico de tanto rir! — grasnaram os três corvos em uníssono.

— Por minha boniteza sem igual, por minha inteligência superior, eu e ninguém mais além de mim, o raposo branco, sou

o único
e verdadeiro
rei
do bosque.

